
**ENTREVISTA CONCEDIDA A REVISTA PERSPECTIVA
HISTÓRICA.¹**

Patrícia Teixeira Santos

Professora de História da África do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo. Pesquisadora colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar & quot; Cultura, Espaço e Memória & quot; (CITCEM- Universidade do Porto). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), mestrado (2000) e doutorado em História (2005) pela Universidade Federal Fluminense. No Doutorado foi bolsista do Programa PDEE CAPES na Università degli Studi di Padova (2003). Bolsista do Programma Hermés da Fondarion Maison Sciences del'Homme - Paris - Pós-Doutorado em Estudos Africanos no Centre d'Étude d'Afrique Noire- Sciences Politiques/ Univ Bordeaux (2010). Pós-Doutorado estágio SENIOR CAPES em História da África na Università degli Studi di Padova (2015) e pesquisadora do LAM (Laboratoire Les Afriques dans le Monde- Sciences Politiques Bordeaux). De 2011 a 2015 foi membro da coordenação do grupo internacional de pesquisa Missões e identidades entre África e Portugal do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Coordenadora do grupo de pesquisa Saberes, Práticas, Ensino de História da África e do Brasil em perspectiva sul. Bolsista Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora do CNPq de 2012 a 2015. Tem experiência de pesquisas e orientação nas seguintes áreas: História da África, África contemporânea, Religião e Sociedade na África contemporânea, Islã na África, Catolicismo e história das pastorais sociais afro-descendentes, religiões espiritualistas, Umbanda e Kardecismo no campo religioso brasileiro e Educação e Diversidade Cultural.

¹ Transcrição de Fernanda Barbosa Lopes. Edição de Marilda Flores e Lígia Santana.

Perspectiva Histórica (PH):

professora, bom dia! É um prazer tê-la conosco para falar da sua trajetória sobre os estudos africanos. Em que momento, da sua formação, a senhora e a África se encontraram?

Patrícia Teixeira Santos: *Bom dia, Fernanda! Uma alegria estar aqui com vocês na casa de vocês. Bom, eu e a África nos encontramos ao longo da vida. Primeiro na experiência do bairro que eu morei, no bairro que eu nasci, que eu cresci, que é um bairro de periferia no Rio de Janeiro chamado Cidade Alta, na Av. Brasil. Nasci num bairro de maioria de população negra, o convívio que tínhamos com o que se sabia das religiões afro-brasileiras naquela época, nos anos 70, que era uma coisa muito reprimida por conta do clima de ditadura, de intolerância religiosa da época. Mas o grande encontro foi quando eu participava da pastoral da juventude da Igreja Católica. Nessa época, no início dos anos 80, a pastoral da Juventude tinha todo um envolvimento com o catolicismo social, com a perspectiva de que a Igreja Católica se colocava para ajudar a construir o processo democrático no Brasil e de formar na pastoral da juventude. Lideranças essas que lidassem com questões que atravessassem*

a História do Brasil. Tais como, o racismo, o preconceito, a herança africana. Na verdade, eu me percebi negra na relação com os colegas da pastoral de juventude. E o interesse pela África veio pelo absoluto desconhecimento. Eu sentia que era muito bonito cantar, homenagear os ancestrais africanos nas missas afro, mas eu sentia um anseio, aquilo não era o suficiente. Tinha alguma coisa que faltava. Entrei na Universidade em 1989, na graduação em História, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no antigo IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais). Conheci o Professor Sílvio Carvalho, que na época estava começando o seu magistério superior na Universidade. Ele tinha a preocupação de dar um olhar para o mundo contemporâneo onde a África estivesse presente. Também tive a oportunidade de, através de um outro professor, colega de trabalho do Prof. Sílvio, o Professor Adilson Monteiro, de ter acesso ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos, que foi para a minha geração que fez universidade no final dos anos 80 e nos anos 90, a grande referência no Rio de Janeiro para o estudo de África. O estudo de África, não acontecia dentro da minha universidade. Já acontecia alguns estudos relacionados ao Egito Antigo; aos estudos sobre

escravidão e do pós- abolição, na UFF, em Niterói, Mas, no meu departamento não acontecia. Porém, foi na UFRJ e no convívio com o Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes, que firmou em mim essa vontade, esse desejo de fazer o estudo de África. Eu lembro de uma professora, que eu não vou dizer o nome, que percebeu que eu tinha um grande pendor para o magistério. Ela julgava que eu poderia vir a ser uma acadêmica e me avaliava como tal. Ela me perguntou o que eu gostaria de pesquisar na pós-graduação. Eu falei que queria seguir com os estudos de História da África. Ela foi categórica: “Minha filha, você é uma moça do povo, você tem que fazer um estudo que te dê condições de trabalho. Estudar África, é só para pessoas ricas que tem condição de colecionar arte, e você não tem essa história. Então, você tem que fazer uma área já consagrada na historiografia que te dê emprego e que te dê uma oportunidade, por que isso aí não vai te dar futuro. ” Mas a despeito do conselho da minha professora (risos) eu segui a minha intuição e decidi, como muitos da minha geração, estudar ou na UNICAMP e na USP, em São Paulo. A grande maioria foi estudar na Universidade Federal Fluminense que na época tinha figuras muito importantes no

magistério superior, como Daniel Aarão Reis Filho, que foi meu orientador de mestrado e doutorado, o Ciro Flamarion Cardoso, que tinha um olhar para além do paradigma eurocêntrico, para os estudos de História Antiga e Medieval. Era um grupo valoroso que fazia uns estudos de diáspora africana e de História da Escravidão nas Américas e no Brasil. Foram esses professores, não tanto o Ciro, mas foram esses professores da área de Contemporânea, de Brasil e da área de América que me acolheram. Na época eram dois os estudantes que pesquisavam África na UFF, em doutoramento o Marcelo Bittencourt e no mestrado eu. Fiz a opção, na época, de fazer esse mestrado por que não haviam programas de pós-graduação que aceitassem, quem tivesse uma linha de estudos africanos e a UFF foi receptiva. Eu tenho essa gratidão à UFF.

PH: África, Sudão e missionarismo, são temas que compõe a sua produção como historiadora. Como esses temas se relacionam?

PTS: Bom, na minha época a gente tinha uma política de pós-graduação muito restritiva. Foi totalmente o oposto dos anos Lula, que graças a toda uma política de expansão do ensino superior, mais a atuação da

Professora Petronilia Beatriz Gonçalves e de toda uma geração de professores da UFSCar, que criaram condições para ver o ensino de História da África nesse país. Quando eu comecei minha pós-graduação não tinha isso. Era uma coisa bem difícil. Havia uma preocupação, do meu orientador e também da UFF, como se poderia fazer para entrar na África, com os poucos recursos. Nós éramos muito internacionalizados para a Europa, para os EUA, e tínhamos, naqueles anos, muito pouco vínculo com as universidades africanas. Eu diria praticamente, pouquíssimo vínculo com as universidades africanas. Tinha que pensar estratégias para entrar no campo de pesquisa e fazer o percurso. E a minha estratégia foi estudar o vínculo da religião e da sociedade em África. Também trabalhar com instituições que conseguiram estar em realidades africanas por uma longa duração. Essa foi a minha escolha. Dentro dessas instituições eu percebi, até por uma questão de história pessoal, que ter crescido em uma comunidade religiosa me permitiu ter acesso, na época, a teologia da libertação e ao catolicismo social e ter um olhar mais crítico sobre a sociedade naqueles anos da minha juventude. Fiz a opção de estudar os missionários. Por que? Do ponto de vista

metodológico há constância de registros, você consegue abarcar períodos inteiros de pesquisa. Segundo, por que as instituições missionárias cobriam toda a parte de educação, saúde e administração até o fim do colonialismo. Então se você quer entender o Estado colonial em África você precisa entender as instituições missionárias. Para estudar o Islã é muito importante entender as dinâmicas do Islã. Na época que comecei a fazer o mestrado (período da 1ª e 2ª Guerra do Golfo), isso foi um fato importante. O doutorado comecei no ano do 11 de setembro (2001), quer dizer, no segundo semestre do doutorado teve a queda das Torres Gêmeas. Foram fatos importantes que me fizeram escolher um percurso de África que não fosse um percurso fácil. Eu quis fazer um exercício de estudar uma África que não tivesse uma relação histórica com o Brasil. Para estudar a África era uma forma de estudar História Contemporânea, era uma forma de fazer um exercício de sair para além dos nossos horizontes. Eu achava que a historiografia precisava de uma renovação. E a renovação necessariamente na área de história vem por novos objetos, novas abordagens. Então eu conversei muito com meu orientador e falei que tinha contato com uma congregação

religiosa, que ela já nasceu vocacionada para a África e foi criada para isso, mais ou menos na década de 70 do século XIX. São os atuais missionários e missionárias Combonianas do Coração de Jesus. Falei que eles atuaram em áreas bastante diversas em África, por que eu queria estudar Contemporânea. O início da missão tinha sido nessa região da antiga República do Sudão e essa região me permitia fazer vários estudos, entender o Islã, as instituições muçulmanas. Uma região que fazia parte de um poder regional africano importante era o Egito, que por sua vez era uma província importante do Império Otomano. Era uma chance de estudar Império Otomano e essa região próxima ao chifre da África, um objeto tão diferente da nossa experiência. Isso me faria uma historiadora mais sensível a essa diversidade de abordagens históricas que existem no mundo. Eu pensava que era preciso fazer esse percurso, até para que eu pudesse, como professora universitária e pesquisadora, auxiliar meus alunos nos percursos que eles quisessem fazer. É sair do paradigma da língua portuguesa, só países de língua portuguesa, só do que me é familiar. Sinto que preciso aprender e para mim, o aprendizado vinha pela alteridade

absoluta. Então foi esse exercício que eu fiz.

PH: Você discute o estudo da África a partir de uma imersão no continente. Quais são as principais dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa?

PTS: *Muita coisa. Falo tanto da minha experiência quanto da experiência de jovens brasileiros que encontrei nos países que estava pesquisando. Alguns com bolsas CAPES, FAPESP, CNPQ e da minha pós-doc, que foi a primeira supervisionada que enviei para a África, a Fábria Barbosa Ribeiro. Primeiro por mais que você se esforce e faça uma pesquisa problematizadora e tenha uma com o meio acadêmico africano, que é vastíssimo e muito diferenciado, existem grupos regionais de pesquisa. Por exemplo, a região da antiga Senegâmbia tem uma liderança forte da Universidade com doutores professores daquela região com linhas de pesquisa que são fortíssimas nos estudos culturais de tradição oral. Tem uma produção moderna, que instiga uma comunidade internacional para o debate. Tem os estudos de religiões, religião e sociedade, e feitos pela África do Sul. Tem o estudo de gênero feito em Moçambique. Também a questão “Religião e sociedade”, “Direito das mulheres e políticas*

de acesso à terra” que é feito no Egito e no Sudão. São academias importantes, fortes com intelectuais que têm voz internacional muito mais que nós, na área de ciências humanas, porque são falantes de inglês pesquisam em inglês e francês, que são línguas que dão acesso a uma comunidade acadêmica maior. Mas quero dizer que, por mais que eu tenha tudo na minha vida, e por mais que eu tenha estudado e veja que tem muitos jovens pesquisadores fazendo esse esforço, ainda tem no nosso imaginário no planeta, a ideia da África como um continente subalterno. A gente vai para a África com humildade, para aprender e não para ensinar. A primeira coisa que eu percebi quando eu fui para a África – Angola em 2006, depois eu fui para a África do Sul, Burkina Faso, Moçambique e África do Sul de novo, é que por mais que você procure se municiar de informações e procure ter uma postura de entrar nesse campo com humildade porque você desconhece, é muito difícil porque você é um estrangeiro. Aprendi a não fazer um retorno à África, como o retorno de antigos militantes do movimento negro, antigos intelectuais ligados ao pensamento pan-africanista que achavam que iriam encontrar sua identidade e encontrar sua auto realização. Você vai para a

África e continuar sendo estrangeiro. É entender que a alteridade é a norma. Vai com humildade percebendo que aquele ambiente não é seu. O ambiente tem uma trajetória e uma história, e não é seu. A dificuldade vem justamente disso. São países caros para nossa realidade monetária, a gente desconhece ainda, porque a gente não tem um intercâmbio maior com os intelectuais e com as pesquisas feitas nos países porque a nossa academia ainda precisa amadurecer na relação mais profissional e, mais séria. Precisamos desapegar da ideia de que somos o centro do mundo e que a História sempre é feita em referência com a nossa realidade.

PH: Então na verdade as dificuldades que se encontram são dificuldades que os pesquisadores levam consigo?

PTS: *Quando se é estrangeiro você aprende a observar mais e a falar menos porque você tem muito para aprender. Ainda tem um certo romantismo que se precisa perder para ter uma relação mais humana, mais correta, mais profissional, mais intelectual, mais assertiva com os países africanos, com os intelectuais africanos e suas redes de pesquisa. Por outro lado, depois de dez anos de magistério em História da África em*

Universidade pública e ao longo de mais de 20 anos de pesquisa individual, o que eu percebo é que em relação à África, temos nossas memórias afetivas e uma experiência diaspórica e isso é um campo de pesquisa necessário, mas não é o único. Você pode fazer um estudo sócio afetivo, ou um estudo religioso no Brasil, ou um estudo histórico-antropológico das vivências das experiências dos descendentes de africanos aqui. Porém, História da África exige essa postura de você conhecer as Academias africanas, a produção intelectual, quais são os temas, possibilidades de diálogo que a gente pode estabelecer com esses intelectuais. Não é um território vazio senão a gente da ideia da África como continente vazio do século XIX que a gente critica.

PH: Nos últimos vinte anos os cursos de pós-graduação vêm avançando no sentido de abrir campo para os estudos africanos, com a criação de linhas de pesquisa, de programas específicos, mas os pesquisadores ainda sentem muitas dificuldades no Brasil para pesquisar esse tema. Como é que você avalia essa abertura para o campo de estudos africanos e ainda os escassos programas de financiamento?

PTS: *Bom, eu acho que a gente está sendo exigente com um processo que tem um tempo para amadurecer. Essa é a minha visão. Acho que, em relação a história que eu vivi, melhoramos demais. Pessoalmente participei de oito bancas de concurso público em História da África como avaliador. Como membro da banca de seis Universidades públicas diferentes, participei de várias defesas de teses. Acho que da última geração de africanistas, participei pelo menos de 80% das defesas de teses. Estão surgindo trabalhos promissores. Precisamos melhorar o investimento para África assim como precisa melhorar os investimentos para as ciências humanas como um todo. Agora, o que falta ainda é doutorar mais pessoas para começar a desenvolver o ensino e ter estruturação de redes de pesquisadores que coloquem esses professores em circuitos mais amplos de debate. Mas, eu vejo que até hoje, e a gente tem uma modificação da situação do país, mas até esse dia, o da entrevista eu vejo que é uma coisa que amadurece. Não está retrocedendo, ela avança. Nós temos um grupo de trabalho de História da África na ANPUH, e em cada região do Brasil um grupo de trabalho de História da África. Estou atuando em uma linha de pesquisa que é quase*

uma subárea dentro da chamada História da África, que são os estudos das missões. Justamente devido a possibilidade de ser um tipo de instituição que dá acesso a realidades africanas por um período alongado e com uma série documental que nos permite fazer uma série de perguntas. Temos uma rede, que é chamada, “Fontes e pesquisas sobre História das missões da África – arquivos e acervos, ” formado por seis universidades brasileiras e quatro universidades estrangeiras, com mais ou menos vinte e cinco pesquisadores e seus orientandos. Em cinco anos a gente conseguir favorecer uma política de colaboração com os arquivos das missões africanas conveniados conosco na África e na Europa. Começamos com Moçambique e Portugal e, mais recentemente, o Professor Jeferson Olivatto, em uma possível colaboração com o arquivo dos Padres Brancos na Tanzânia. Alguns colegas estão se dedicando e querem pesquisar mais o Arquivo Vaticano. Outros são da área dos estudos das missões protestantes e estão indo nas instituições que organizaram trabalhos missionários. Começamos a participar de uma rede de pesquisadores têm trabalhado com essa fonte. Fizemos um dossiê junto com o antigo Centro de Estudos Africanos da Universidade do

Porto sobre o tema. Estamos fazendo um caminho de internacionalização e de diálogo. Todos participamos do grupo de História da África, somos professores universitários, temos os nossos orientandos. Vejo nisso progresso.

PH: Como foi a experiência na coordenação do grupo internacional de pesquisa “Missões e Identidade” do Porto? É possível estabelecer um quadro geral que aponte as diferenças entre a História da África escrita por africanos, portugueses, brasileiros?

PTS: Claro que dá, porque é a questão da autoria. Queria convidar a todos a fazer uma reflexão um pouco diferente do que a gente pensa. A gente fala “o intelectual africano”, “o intelectual brasileiro”. Falamos de um continente e de um país, são coisas desproporcionais. Essas pessoas estão organizadas em Estados Nacionais na África e também tem suas vinculações com as suas diversas etnias e histórias. Participam de uma comunidade internacional de pesquisa. Precisamos ver que esses intelectuais tem uma voz e que parte da experiência deles, está ligada à comunidade política em que estão inseridos e as suas redes. Então, não são vozes no sentido de uma especialização

puramente africana, são pessoas que lidam com suas realidades e dialogam com comunidades mais amplas. Então, o que aparece de publicações extremamente interessantes, diversas e plurais tem sido um fenômeno muito rico de História da África. As pessoas não escrevem “Eu sou africano” ou “Eu sou intelectual.” Em Moçambique, alguns intelectuais fizeram a formação nos Estados Unidos, outros fizeram formação no Vietnã e depois foram para os Estados Unidos. Outros foram para a Europa, passaram pelo Vietnã depois foram para os Estados Unidos e alguns vieram para o Brasil. Há ainda aqueles que rumaram para Portugal. A minha própria história não é uma história linear. Comecei a minha formação no Brasil depois fui à Itália, passei pela França e fui para Moçambique. Tenho contato com pesquisadores do Sudão e leio alguma coisa que o pessoal da Cheikh Anta Diop produz além de conhecer alguma pesquisa da Universidade Long Island, da área de Antropologia. A minha formação não é quadradinha, certinha, facilzinha de se definir. Vem em função do meu percurso no campo de pesquisa e as demandas que o campo põe. Assim, as produções sobre as Áfricas e esses intelectuais estão muito ricas. Esses intelectuais têm outros referenciais e, há muitos professores no Sudão na área de

Sociologia que fazem sua formação nos Emirados Árabes ou no Kuwait. Depois passam pelos Estados Unidos ou pela França.

PH: Quando e como foi assumir esse começo de lecionar a disciplina de História da África?

PTS: *Olha foi muito difícil. Nossa senhora! Tinha uma dimensão dessa disciplina, que é uma interpretação da Lei 10.639 de que essa disciplina deveria ter um forte papel de intervenção social e garantir reparação aos crimes do racismo através do ensino dessa História da África. Ela é muito pesada. Durante uns quatro a cinco anos eu dava a disciplina e tinha grupos de extensão e projetos de extensão. Um grupo trabalhou questão da infância nas religiões afro-brasileiras, outro grupo trabalhou musicalidade e danças afro-brasileiras, outro grupo discutiu o ensino e currículo de História da África. Eram grupos de extensão que ocorriam, ao mesmo tempo, que eu dava a disciplina. Agora, recentemente, tenho feito um trabalho em que procuro dar disciplinas optativas desses diferentes temas e orientar alunos que tenham interesse. Mas, procuro trabalhar tanto a História da África quanto a História da Diáspora, porque a questão da experiência dos*

africanos nas Américas é o grande marco do espaço diaspórico, que são as Américas. Como uma pessoa que trabalha a história colonial africana diferente da que acontece aqui, não posso ser insensível a isso. Esse diálogo tem me enriquecido bastante. Outra coisa que eu queria falar é que os estudos das religiões afro-brasileiras nas Ciências Sociais são consolidados, vai muito bem e tem muita gente pesquisando. Tem subdivisões, na área das Ciências das Religiões, que é uma outra área acadêmica importante. Mas, a História ainda tem uma dificuldade que eu percebo, até por questões que me afetam diretamente: os professores verem que as religiões afro-brasileiras fazem parte da História do Brasil e que não é o colega de África que é responsável por essa disciplina. Não é gueto. Essa História religiosa afro-brasileira não é um conhecimento guetificado. Ela é um conhecimento que é objeto da História e faz parte da História. Eu oriento vários alunos na pós-graduação que pesquisam a Umbanda e, outros colegas de História da África vivem a mesma realidade que eu. Mas, tem que aumentar o número de colegas e se ter uma perspectiva na área de História de Brasil para acolher esses estudantes que pesquisam as religiões afro-brasileiras,

porque é uma experiência que acontece no Brasil. Os colegas da área de História do Brasil não são fechados, quando eu coloco essa angústia para eles. Me ouvem e conversamos sobre isso. Mas temos que entender que a área de História da África não é mais um gueto. A criação dessa área é para que ela dialogue com todo o conhecimento historiográfico e com todo o processo da formação do historiador como um todo e não fique restrito a isso. Por exemplo, eu tenho conversado com um grupo que estuda Umbanda na Alemanha. A professora que eu comecei a conversar mais sobre isso é a Professora Joana Bahia da UERJ. É um trabalho incrível! Se eu tivesse que ser orientadora de um trabalho desse.... Está muito além do que eu posso fazer. Posso ajudar, mas em diálogo com outros colegas, inclusive e sobretudo com os colegas da área de História do Brasil, com colegas que trabalham História Contemporânea e com colegas que dialogam e estudam História da Alemanha, porque isso é muito rico.

PH: *Para fechar a nossa entrevista tem uma última pergunta, O que a África te deixou de legado?*

PTS: *Meu Deus! Tudo, tudo! No sentido que estamos conversando aqui, foi aprender História. Eu*

aprendi História, aprendi a minha profissão, aprendi a pensar lidando com as temáticas dos estudos africanos e com os desafios que é estudar sociedades tão diferentes, em períodos históricos tão diferentes. Me sinto, hoje, uma pessoa muito mais aberta e muito mais pronta para fazer meu trabalho de formação de pesquisadores do que antes.



Perspectiva
Histórica

**R
E
S
E
N
H
A
S**

**R
E
S
E
N
H
A
S**

**R
E
S
E
N
H
A
S**

